

## EDITORIAL

### **Assis, Verissimo, Suassuna e Chico Science, Pernas Cabeludas caminham**

A Revista Entre-Lugar, a REL, apresenta o primeiro número de 2026, sua trigésima terceira edição, publicada nos últimos dias do mês janeiro, período de verão, no Brasil marcado como sempre por chuvas torrenciais, alagamentos nos centros urbanos, deslizamentos de encostas e raios. Um período que sempre nos faz lembrar de um **Brasil real** que carece de cuidados, ainda mais frente as emergências climáticas e os negacionismos ainda presentes na forma de virtudes. Estudos indicam que o Brasil é o país que mais registra a ocorrência de raios no mundo, isso não é um mito, são 78 milhões de descargas atmosféricas por ano, oito mil raios a cada minuto em média. Entre a tropicalidade, as chuvas e o calor sempre há alertas dos perigos de aglomerações, ainda mais quando há previsão de tempestades; ficar atento aos sinais do céu e não ser levado pela desinformação sempre evita tragédias, o melhor sempre é caminhar na direção contrária e não em direção a ela, a tempestade. **É apenas janeiro, 2026 ainda nem começou direito, como não ficar atento a isso?**

Sobre caminhar, com essa trigésima terceira edição, com aproximadamente 600 páginas editoradas, a REL completa 16 anos de existência, sem hiatos na publicação. Para um periódico de acesso aberto (*Open-Access*), vinculado à pós-graduação brasileira, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal da Grande Dourados, é algo importante, sempre lembrado nos editoriais. Todo número publicado é comemorado sob vários aspectos. Cada edição é publicada como uma conquista, há prazer na finalização de cada número. Como escrevemos em outros momentos, nas páginas da REL encontramos textos escritos por nomes renomados da Geografia brasileira e de jovens pesquisadores, em certa medida uma construção constante da memória da Geografia da UFGD e mesmo brasileira. **Como não ficar satisfeito por isso?**

O empenho coletivo constante e o reconhecimento dos desafios existentes para que a REL possa ser publicada a cada semestre se faz importante, a existência e a qualidade da revista dependem deste trabalho conjunto e discreto. A qualidade é materializada pelos indexadores nacionais e internacionais conquistados ao longo de sua existência e do Qualis-



CAPES. Sobre o Qualis-CAPES atribuído a REL pela área da Geografia e outras áreas no quadriênio 2021-2024 não poderíamos deixar de fazer menção. O conceito **A2** recebido no quadriênio 2021-2024 reforça a importância da REL junto à comunidade, um olhar dos pares sobre o papel da revista naquilo que diz respeito a universalização do conhecimento científico ligado a Geografia e outras áreas.

O **A2** concedido equipara a REL a outras revistas científicas de grande importância, uma grande satisfação; o desafio que segue é criar condições para a manutenção de sua qualidade editorial, uma responsabilidade posta. É certo, fim do Qualis-CAPES, a insurgência de outras métricas e parâmetros de avaliação se colocam como desafios para REL e todos os periódicos nos próximos anos – como escrito no primeiro parágrafo, frente as incertezas o melhor é não caminhar em direção a tempestade.

Frente ao conceito **A2**, o registro de um pouco da história da REL. O primeiro número foi publicado no primeiro semestre de 2010, ainda uma versão impressa, a versão digital por meio do sistema OJS ocorreu alguns anos depois em 2013. No editorial do número 31 de 2025 foram apresentadas algumas métricas, aqui, com a trigésima terceira edição, fica o registro que será ultrapassada a marca de 300 artigos publicados. Todos os números estão disponíveis para consulta pública, de acesso livre e irrestrito, fortalecendo assim o compromisso com uma ciência aberta e de qualidade. **Como não ficar realizado com isso?**

Nas edições da REL encontramos artigos, resenhas, entrevistas, notas de pesquisas, análises de conjuntura, e, nesta edição, uma seção nova, **“Geografia e Imagens”**. O objetivo desta nova seção, valorizar outra linguagem essencialmente geográfica, a imagem. A seção **“Geografia e Imagens”** visa oportunizar o conhecer de entre-lugare(s), estabelecer uma comunicação sensorial direta entre autores(as)-leitores(as), valorizar materiais técnicos derivados de projetos de pesquisas essencialmente; o registro da pesquisa na forma de imagens/fotografias. A seção é inaugurada com registros do projeto **“Mulheres nas práticas turísticas e a produção de territórios socioambientais sustentáveis”** financiado pela CAPES por meio do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias do Nascimento; registros que valorizam o humano



e paisagens concomitantemente. A intenção é publicar uma ou duas contribuições a cada número, assim, que outras experiências de pesquisas possam surgir a partir deste número.

Por falar na publicação deste número, nele há como sempre o empenho dos/das editores(as), dos/das autores/as, dos/das pareceristas e do apoio técnico recebido por parte da UFGD naquilo que se refere a gestão dos periódicos científicos. A Coordenadoria de Bibliotecas da UFGD, neste momento representada por Givaldo Ramos da Silva Filho, têm papel importante na gestão e assessoria frente ao uso da plataforma OJS, condição que permite aos editores focar em quesitos técnicos, de avaliação e editoração, melhorar aspectos qualitativos. Os indexadores conseguidos e o conceito **A2** recebido decorre destas circunstâncias e do trabalho acumulado, um caminhar contínuo.

O primeiro número de 2026 conta com o trabalho de pesquisadoras do Laboratório de Geografia Física, Giovana Dias Garcia, acadêmica do mestrado, e Beatriz Schmitt Santos e Nagela Fernanda dos Santos Masuda, doutorandas. As pesquisadoras trabalharam na revisão técnica-científica dos textos, um trabalho cuidadoso e essencial, o qual não pode ser esquecido e deve ser reconhecido sempre. Rafael Brugnolli Medeiros, pesquisador e docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, como em outras edições, colaborou na construção da capa, elaborada tendo como base figuras presentes nos textos desta edição e o já clássico layout gráfico da REL. A ideia prevalece, manter sempre a identidade visual da REL acrescida dos entrelugares que passamos a conhecer a cada edição.

A frase escolhida para capa, **“No fim, o que a gente mais sente falta do passado é o seu futuro”**, atribuída a Luís Fernando Veríssimo<sup>1</sup>, se mescla a outra presente no discurso de Ariano Suassuna<sup>2</sup> quando assumiu sua cadeira de imortal, a de número 32, na Academia Brasileira de Letras citando Machado de Assis, reproduzida neste editorial

---

<sup>1</sup> A frase não está presente em um livro específico ou mesmo em uma crônica publicada, ela faz parte do universo de frases atribuídas a Luís Fernando Veríssimo e como ela há muitas outras que nos permitem compreender o que é o Brasil e sua complexidade.

<sup>2</sup> Ariano Suassuna ocupou a cadeira 32 da ABL (Academia Brasileira de Letras) de 1990 a 2014, o trecho citado faz parte de seu discurso de posse, o qual pode ser conhecido na íntegra no site da ABL, sua leitura é muito prazerosa e reveladora, carregado de elementos sociais e geográficos, link de acesso: [www.academia.org.br/academicos/ariano-suassuna/discurso-de-posse](http://www.academia.org.br/academicos/ariano-suassuna/discurso-de-posse).



na intenção de não negar a oportunidade a quem vier a lê-lo de conhecer a metáfora presente nela e sua atualidade:

...O Brasil oficial, ele o viu na Rua do Ouvidor, centro da civilização cosmopolita e falsificada. E o Brasil real, no emblema bruto e poderoso do sertão. João Suassuna, ainda sob influência de tal visão, escreveu: Nós somos um povo sugestionado pela política inferior dos decalques.

Na inquietude, na pesquisa realizada para construção deste editorial, graças as tecnologias de informação, foi possível conhecer a frase original cunhada por Machado de Assis que inspirou Suassuna, originalmente publicada em 1861<sup>3</sup>: “*O país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco*”. **Como não reconhecer a modernidade e atualidade dessa frase?**

Veríssimo, o melhor cronista que li até o momento, com seu humor refinado, mas nunca descontextualizado, nos coloca a pensar sobre as repetições que não permitem o futuro chegar, se fazer presente. Ler a frase repetidamente, na forma de um *looping*, é compreender a existência do **Brasil oficial** em contraposição ao **Brasil real** ainda hoje, na repetição constante das desigualdades e dos decalques construídos a fim de ajeitar o **Brasil real** de forma simplista, mas com intencionalidade e objetivo de manter o **Brasil oficial**.

Ariano, com sua ironia e elegância, nos dá a dimensão da realidade, do agora, de como ainda se vê no **Brasil oficial Pernas Cabeludas**<sup>4</sup>, algumas capazes de caminhar muito, trazendo consigo outras iguais, se movendo de forma furtiva, sem mostrar o rosto, sem diálogo, apenas avançando, se expressando midiaticamente, criando uma benquerença idealizada, sofista, mas não menos violenta. Um poder semiótico, fragmentado,

<sup>3</sup> A frase foi publicada por Machado de Assis em “Comentários da Semana” no Diário do Rio de Janeiro, em 29 de dezembro de 1861. Para quem se aventurar a obra completa do autor está disponível em <https://machado.mec.gov.br/>.

<sup>4</sup> As **Pernas Cabeludas** ultrapassam o entrelugar recifense e o tempo na onipresença de seu significado no filme “O agente secreto” estreado em 2025, dirigido por Kleber Mendonça Filho e protagonizado pelo ator Wagner Moura. Aclamado pela crítica e pelo público, ganhador de diversos prêmios nacionais e internacionais, o filme revela a violência do autoritarismo que prevaleceu durante a ditadura militar no Brasil - um dia que durou 21 anos, nunca será suficiente reforçar isso. Tendo a cidade de Recife como protagonista as **Pernas Cabeludas** são metáforas de caricatura e de resistência a violência; a necessidade do silêncio obrigatório, do medo, mas também da necessidade de acreditar no **Brasil real** e sua capacidade de resistir continuamente as adversidades. Mais que uma fábula urbana, a qual desconhecia até então, elas são o hoje de muitos **Brasis**.



desumanizado, que age sem assumir responsabilidades com o **Brasil real**. Um corpo incompleto que reivindica para si uma autoridade tosca, com interesses que não vão além de suas próprias pegadas, de fato um decalque político.

O caminho; pensar o **Brasil real** capaz de ter em si e para si suas próprias **Pernas Cabeludas**, as quais evocam resistências construídas no coletivo e que conseguem se sobrepor de forma autônoma, mas nunca desconectada da realidade e na capacidade de transformação – não é utópico, é possível. Um dos legados da COP30 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas), a 30.<sup>a</sup> Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, realizada em Belém no Pará entre os dias 10 e 21 de 2025, evidenciou a importância e o papel das comunidades tradicionais, de minorias, no conjunto dos debates, na potência existente na construção coletiva e na conquista de espaços de reivindicações. Certo, fato, poucos foram os avanços, mas caminhos foram abertos e penso que seus protagonistas insistirão no caminhar, na busca do reconhecimento de seus direitos.

Como sempre acreditou Suassuna, na força e na riqueza existente naquilo que é originalmente construído no local; ver nas realidades locais a capacidade da mudança; no paradoxo que nos ensina que quanto mais profundamente local, original, mais universal algo se torna. É nessa riqueza, da universalidade do local-entrelugar, que neste momento lembro dos versos<sup>5</sup>: “Galeguinho do Coque não tinha medo, não tinha...Não tinha medo da **Perna Cabeluda**” – passados 32 anos compreendo com clareza a potência e o significado do verso. **Como não ver Geografia nisto?**

Assim, pensando no paradoxo suassunense e de sua aproximação com Chico Science e Nação Zumbi, nos entrelugares e suas originalidades, nesta trigésima terceira edição são apresentados aos leitores e leitoras 20 textos inéditos na forma de **Artigos**, pesquisas e estudos realizados em diversas partes do Brasil e do exterior. Abre-se a oportunidade de conhecer entrelugares das cinco regiões brasileiras do Brasil, do Paraguai e da Venezuela; conhecer *movimentos disruptivos* que no presente estão atuando na reorganização espacial do mundo, dos entrelugares. Diferente de outras edições não será

---

<sup>5</sup> A Perna Cabeluda fez parte no imaginário e da poética de Chico Science & Nação Zumbi, citada na canção "Banditismo Por Uma Questão de Classe" de 1994, do álbum "Da Lama ao Caos", uma referência ao entrelugar onde o manguêbeat reinou universalmente. Salve Chico Science e Nação Zumbi!



comentado cada artigo publicado, há uma explicação para isso. Com a modernização do layout da REL e a inclusão de um campo denominado de “**Destaques**” nos artigos, somado o sumário e os resumos, se observou certa redundância, uma obsolescência nesta ação no editorial. Em uma consulta rápida os leitores e leitoras terão acesso as informações preliminares de cada artigo.

A edição traz ainda a **Nota de Pesquisa** “Guatá no caminhar entre saberes: nota da missão Brasil-Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e França-Université Paris 8”, um registro histórico da participação de acadêmicos(as) indígenas e docentes do PPGG em missão de estudos na França. Ler, conhecer nas entrelinhas a **Nota de Pesquisa**, é ter clareza da importância da Universidade Pública como agente de transformação social – evidentemente uma **Perna Cabeluda** materializada, caminhou até Paris. **Como não ficar emocionado por isso?**

Esse mesmo papel, da Universidade Pública como agente de transformação e geração de conhecimento, se vê na seção **Entrevista**, na qual há um rico diálogo com a pesquisadora Adriana Dorfman da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), além da trajetória da profissional, há possibilidade de se compreender a construção do conceito de fronteira e o acúmulo dos debates em torno do tema, uma leitura obrigatória para quem se interessa e pesquisa o tema em si.

Fecha a edição a seção **Resenha**, uma análise do livro "Avances en el estudio de islas de calor urbano en América Latina", um olhar sobre as cidades e o clima urbano. Uma importante obra, de acesso gratuito, disponível para download com muita facilidade.

Na condição de editor deste número agradeço aos autores e as autoras por escolherem a REL para publicarem os resultados de suas pesquisas, por compartilharem suas impressões e ideias sobre a Geografia e seus temas. Estendo esses agradecimentos aos leitores e leitoras; aos amigos historiadores Angelo, paraibano, docente da UFPB, pela conversa que fizemos sobre a **Perna Cabeluda** e seu contexto, e Fernando Perli, da UFGD, de nossas prosas sobre editoriais.





Para finalizar, que possamos incrementar, incentivar e fomentar o desejo por publicar, por se fazer ciência no Brasil, e não esqueçamos da arte em todas as suas formas, essa sempre nos dá alívio, aquela sensação de leveza, nos ajuda a compreender o mundo melhor, mesmo em situações complexas; aguça os sentidos e nos leva a reflexão. Por conta disso, pensando nas **Pernas Cabeludas**, terminar esse editorial de forma bem-humorada, de forma otimista, usar a sátira se torna uma obrigação:



Como não pensar sobre a importância disto?<sup>6</sup>

Uma boa leitura, e até a próxima edição.

Charlei Aparecido da Silva

Editor da Revista Entre-Lugar

Verão de 2026, pensando em um caminho  
possível sem tempestades e raios.

<sup>6</sup> A charge foi elaborada a partir de comandos (*prompts*) elaborados para chatbot de IA (Inteligência Artificial), o ChatGPT. Um exercício burlesco, ousado, permitido em razão das tecnologias disponíveis na atualidade, que por tal razão não foi creditada a um(a) autor(a) específico(a).